

## A INVENÇÃO PELA EXCEÇÃO<sup>1</sup>

**Responsáveis: Adriana de Vitta, Alice Rezende, Camila Nuic, Letícia Soares, Marisa de Vitta, Sérgio de Mattos (coordenador)**

Em nossa atualidade a psicanálise se depara com algo novo: não se fazem mais sintomas como antigamente. Diante de uma sociedade de controle, de homogeneização e de massificação, características do contemporâneo, o discurso analítico, embora herdeiro do capitalismo e da ciência produz “um efeito de desmassificação e vai contra os discursos conformistas e mortificantes”, como nos alerta Elisa Alvarenga, em texto publicado na Agenda da EBP, 2013. Partimos da constatação de que no mundo contemporâneo não há mais, como na época da clínica clássica freudiana, crença na existência do Outro da civilização, orientando o laço social como um grande ideal simbólico. Como Laurent afirma: "somos confrontados há uma perda de confiança nos significantes mestres, a uma nostalgia dos grandes ideais". Na era do Outro que não existe e do direito ao gozo, deparamos-nos com o surgimento de novos sintomas e um tratamento para o gozo que passa pelo real. Diante da precariedade do simbólico, os sujeitos encontram na impulsão pelo ato, incluindo aí o uso da droga, uma saída para aliviar a angústia.

Não recuemos portanto, diante do contemporâneo e dos novos sintomas. Assim como Lacan nos indica a não recuar diante das psicoses. Mas como abordar o sintoma em nossa atualidade? Como pensar o sintoma na clínica do autismo, da violência, dos acontecimentos de corpo, na clínica da toxicomania? Como entender a função tóxica na clínica das psicoses e em nossa atualidade? Encontramos cada vez mais em nossa clínica cotidiana sujeitos que fazem uso excessivo de substâncias, nos quais o sintoma, longe de se oferecerem à decifração, colocam o corpo na vertente da degradação e da devastação. Como fazer falar o sujeito num tempo em que prevalecem os corpos?

Helena Greco, nossa colega de trabalho, em seu texto publicado em 2011 e intitulado “Os usos que o psicótico faz da droga” (2011), nos diz que a clínica atual tem nos confrontado cada vez mais com um grande número de sujeitos psicóticos que fazem uso de substâncias, uso que, segundo Helena, nos leva a supor que a parceria entre o psicótico e a droga pode se constituir em um dos modos de entrelaçamento que a psicose mantém com a atualidade. Apesar desse

---

<sup>1</sup> Texto elaborado pela equipe do Freud Cidadão como produto das pesquisas realizadas no Ateliê de Pesquisa Psicanalítica neste primeiro semestre de 2013. Neste Ateliê trabalhamos o tema "Função tóxica na clínica das psicoses: remédio ou ruína?"

entrelaçamento, o uso da droga não pode ser pensado da mesma forma na psicose e na neurose. Como ele se daria no caso da psicose, então?

É certo que cada vez mais nos deparamos na clínica com sujeitos psicóticos que fazem uso de substâncias psicoativas como um recurso para tratar algo que não sabem muito bem nomear. Em nosso Ateliê uma pergunta norteava nossa investigação: partimos da idéia de que o uso de uma substância tem, para cada sujeito, uma função específica, podendo se situar ao lado do remédio e/ou da ruína. Interessava-nos investigar como uma instituição, orientada pela psicanálise e pelas invenções ancoradas na singularidade, poderia operar e oferecer seus dispositivos no tratamento de um mal estar insuportável que lança os sujeitos aos usos excessivos.

A etimologia grega do termo Pharmakon nos traz uma dupla significação, como nos lembra Maria Wilma, em seu seminário no Ateliê. Ele designa tanto aquilo que cura, que pode se situar do lado do remédio, quanto aquilo que pode aniquilar, matar: o veneno. O que estaria em jogo, portanto, seria o modo de utilização desse Phamakon, a dose necessária para curar, aliviar ou a dose que levaria à morte.

Partindo da consideração de que o sujeito toxicômano não existe, a questão que se coloca é, que uso se situaria do lado do remédio e ou da ruína? Nosso convidado internacional Fabián Naparstek, em seu seminário proferido no dia 09 de maio, nos falou sobre a direção do tratamento das toxicomanias e alcoolismo nas psicoses, de modo a nos permitir avançar um pouco mais sobre o modo específico com o qual o psicótico se enlaça à droga e de que modo podemos pensar a direção desses tratamentos.

### ***O toxicômano não existe***

Fabian nos diz primeiramente que a tese da ruptura do falo não serve para pensarmos as psicoses, pois neste caso essa ruptura é anterior e estrutural. Nos lembra também que uma referencia importante para pensarmos a questão da ruptura com o falo é o texto dos "Inclassificáveis" que traz novas perspectivas para a clínica com a noção de psicose ordinária, abrindo caminhos para pensarmos as psicoses não como uma ruptura, mas como modos distintos de enlances e desenlaces com o outro. Essa maneira de pensar é um bom modo para entendermos as toxicomanias: enlances e desenlaces com o outro, mesmo que, em alguns casos, a partir mesmo da droga. Fabian nos lembra que, em alguns sujeitos, a própria droga pode servir para enlaçar-se ao Outro. A partir da teoria dos "inclassificáveis", podemos então, seguindo as orientações de Fabian, reformular nosso pensamento acerca das psicoses e da toxicomania, fundamentalmente a partir do ultimo ensino de Lacan.

Em sua tese de Doutorado, (CITAR) defendida em Paris, Fabian esclarece que há uma diferença importante, dentro da psicose, de uso da droga. Ele se referiu às diferenças entre a paranóia e a esquizofrenia. Se entendemos a partir de Lacan, que o paranóico localiza o gozo no Outro, que o gozo vem do Outro, na esquizofrenia, por sua vez, o gozo localiza-se ou retorna no corpo. Isso permite diferenciar duas maneiras diferentes de retorno do gozo, duas maneiras diferentes de responder ao gozo que vem do outro. Se o retorno do gozo vem do Outro, encontramos, em alguns pacientes paranóicos, uma resposta atrelada ao significante, a droga atrelada ao significante. Do lado da esquizofrenia, encontramos, muitas vezes, o uso da droga como uma maneira de pacificar o corpo, uma utilização da droga para acalmar o corpo, como um remédio corporal.

Fabian ainda acrescenta que durante muito tempo, havia uma ideia amplamente difundida de que devíamos trabalhar no sentido de produzir uma "desidentificação" ao significante toxicômano como direção do tratamento clínico. O autor pede prudência quanto a isso e sugere pensarmos o caso a caso. O convite é para operarmos uma extração. Em muitos casos, uma identificação ao "ser toxicômano" pode ser isto mesmo, uma resposta subjetiva que um sujeito encontra para responder a uma invasão de gozo que vem do campo do Outro. Em outros casos, pode ser diferente. Um esquizofrênico pode consumir a droga, por exemplo, para diminuir os pensamentos, pacificar o corpo e outras estratégias de alívio.

Consideramos importante a questão levantada neste seminário que diz respeito a uma discussão que a psicanálise tem empreendido com a psiquiatria acerca do tratamento das toxicomanias. Comumente se diz que a toxicomania "esconde" a estrutura psíquica. Como tratamento então, propõem-se, em muitas clínicas, "limpar" a toxicomania, através da abstinência, para encontrarmos a estrutura subjetiva. Fabian nos aponta uma outra direção e sugere que quando fazemos um diagnóstico, é preciso ir em busca do diagnóstico da função que a droga tem para cada sujeito e que a função que tem a droga para o sujeito também permite localizar o diagnóstico estrutural.

Cessar o uso da droga a qualquer custo pode então ser extremamente perigoso para alguns sujeitos, pois muitas vezes podemos nos deparar com o desencadeamento de uma psicose, por exemplo. Quando um sujeito vai em busca da droga ele vai em busca de uma solução. Se pretendemos cessar um uso é preciso prudência para encontrarmos o diagnóstico da função que a droga tem para aquele sujeito e prudência também para encontrarmos uma nova solução que possa tomar o lugar da droga. O primeiro diagnóstico que precisamos fazer quando escutamos um sujeito toxicômano é, precisamente, segundo Fabian, o diagnóstico da função que tem a droga para este sujeito, pois não há nada mais diferente de um toxicômano que outro toxicômano.

Durante a intervenção de Fabian em nosso Ateliê, Sérgio de Mattos lembra de um caso acompanhado pelo próprio Fabian de um homem que se travestia diante do espelho e que, ao fazer isso, usava a cocaína. A função da droga, neste caso, servia para fazer desaparecer o pênis, minimizar o tamanho do pênis, a sensação do órgão, de tal modo que ele se sentia menos incomodado em possuí-lo. Localizamos, neste caso, uma função muito precisa da droga, mas Sergio nos lembra também de uma outra questão trabalhada por Fabian neste caso.

Este sujeito, através do empuxo à mulher que ele pratica com o apoio da droga, consegue tratar seu mal estar, apaziguando-se, mas comenta com Fabian que sentia estar traindo a própria mulher ao se travestir diante do espelho. Quer contar a ela sobre sua prática. Sergio de mattos lembra que Fabian desencoraja-o, pois isso é algo da ordem de sua privacidade, de sua intimidade. A intervenção do analista parece operar a partir de alguns índices que ele obtém a partir do delírio: o empuxo à mulher mais a droga é o arranjo que o sujeito faz para a apaziguar o mal estar, o gozo invasivo. Publicar, revelar essa solução poderia desarranja-la.

Sérgio levanta então uma questão importante, que discutimos durante todo o percurso do Ateliê que é pensarmos o valor de podermos localizar esses índices no delírio de um sujeito que permitiria por um lado, entender a função da droga, mas ao mesmo tempo poder operar não somente através da regulação do consumo, mas também moderando um certo modo do sujeito lidar com aquilo que é da ordem do delírio. Se o sujeito puder fazer então, uma pequena localização de gozo na intimidade, Fabian nos indica que é preciso preservar: “a intimidade é uma maneira de preservar uma localização de gozo. Eu acho que a definição da intimidade é essa: um gozo localizado. Quando não existe mais a intimidade, o gozo começa a aparecer por todos os lados e isso provoca um desenlace com o Outro. Se o gozo aparece por todos os lados, é impossível falar com o Outro. Se o outro sabe tudo, é preciso se desligar dele.”

### ***Do pathos ao logos, a face contemporânea da psicose<sup>1</sup>***

Márcia Rosa, convidada de nosso Ateliê, trouxe-nos considerações importantes sobre este tema. A partir de uma entrevista realizada no contexto da apresentação de pacientes no Instituto Raul Soares (IRS)<sup>2</sup> que mantêm convênio com o curso de Psicologia da UFMG<sup>3</sup>, onde leciona como Profa. de *Psicopatologia Geral*. Márcia Rosa colocou-se a trabalho a partir de um único encontro com o sujeito para pensar conosco acerca da *toxicidade da pulsão* e da *toxicomania generalizada*.

“Possuo uma ruindade que vem do sangue, e isto não muda, sou o pior. Por isto tenho que oferecer o lombo ao meu pai. Minha mãe sempre passou a mão em minha cabeça para me proteger da severidade de meu pai. [...] No crack tenho algum conforto.”  
(Trecho da entrevista)

Este sujeito é pego aos trinta e seis anos pela polícia roubando um alto valor de dólares em uma fazenda, de acordo com ele, a polícia o levou até o Hospital (HRS), onde encontrava-se no momento da entrevista. O episódio do roubo é também o que marca a sua separação conjugal, a esposa disse a ele: “Não quero ser casada com um ladrão”. Antes deste acontecimento ele havia sido surpreendido pela polícia em uma cena em que estaria seduzindo sua filha, e então a polícia responde a seu ato espancando-o.

Diante de um pai que é espancado, ele coloca em cena sua posição fantasmática: “Eu errei, eu tenho que pagar, eu tenho que oferecer o lombo”. Mais uma vez seu discurso estrutura-se a partir de elementos que concernem ao corpo, “a minha mãe passava a mão na minha cabeça” “oferecer o lombo”, temos aí índices discretos da psicose, ordinária, que revelam a precariedade simbólica deste sujeito e sua territorialização no campo do Outro enquanto objeto-resto.

Neste movimento de ausentar-se do próprio corpo assistimos à toxicidade do gozo, que está ali desde muito cedo, em uma autoagressão infantil: “oferecer o lombo”. Na vertente do pai que castiga, Márcia Rosa situa-o tal como uma “psicose Kafkiana”, onde faz referência a obra “Carta ao Pai”<sup>4</sup> em que Kafka descreve um exercício caprichoso e insensato da função paterna. Recolhemos aqui o Pai, enquanto instância, operando do lugar de *supereu* que pune e a satisfação pulsional não como remédio, mas como veneno. O entrevistado não parece ter em seu horizonte nenhuma dimensão de um tratamento possível para seu sofrimento, senão o crack. Nem isto é oferecido a ele, uma vez que o HRS funciona com internações de curta duração que visam a desintoxicação, mas que não articulam um encaminhamento para uma rede de saúde mental. Resta a ele seu autotratamento precário, sem a anestesia edípica: a droga, a criminalidade e a loucura.

### ***O Sexo e o delírio na toxicomania***

Sergio de Mattos em seu seminário intitulado “Sexo, Drogas e Toxicômanos” proferido neste Ateliê trabalha detalhadamente a pergunta: como sexo, drogas e toxicomania se articulam com a psicose? Com base nessa articulação, na intervenção que veremos adiante e no relato do caso M,

apresentado por Marisa Renna de Vitta<sup>2</sup>, foi possível recolher efeitos dessa investigação na direção do tratamento desse sujeito.

M se apresenta inicialmente numa devastação e apagamento produzidos pelo consumo excessivo do crack, sem presença no tratamento, sem palavra, sem Outro, numa satisfação auto-erótica e solitária. Com várias tentativas de suicídio e uma certeza: “Vocês vão me ver no meu caixão, minha vida não tem sentido ser vivida, prefiro a morte”. Sérgio de Mattos pontua que para tentarmos deslocar esses sujeitos das drogas seria necessário remetê-los à palavra, que não podemos esquecer do pensamento de Lacan em sua primeira clínica, de investigar o delírio. A equipe então investe em fazer parar esse sujeito, convocando-o ao tratamento para podermos escutá-lo. Intervimos submetidos ao Outro dele, a Promotoria (que nesse caso faz função de regulação, “cuidado” e “filiação”). Dissemos que para negociarmos o dinheiro no uso do crack, teríamos como condição sua participação no tratamento. O sujeito para e responde a esse chamado de um modo muito novo e singular, escolhe as oficinas que lhe interessam, a música e a escrita no Jornal. Faz também um acordo com o tempo de permanência no centro de convivência que lhe é muito próprio, não sem o Outro da Instituição, marca horários com seus Acompanhantes Terapêuticos para ir aos médicos “cuidar do corpo” e requisita um valor de “semanada” para seu “divertimento pessoal”, que ele nomeia como sendo para “seus encontros sexuais”. Seria este um modo de localização de gozo?

M passa a dizer que não vai mais “abandonar sua análise” e pede atendimentos duas vezes por semana, onde ele vem fazendo suas amarrações simbólicas e contando sua forma de estar “nessa nova vida”. E em sua relação com a vida começa a aparecer um esboço de um delírio e um aprender fazer com isso: “Agora eu sei o que é de verdade dar valor à vida que tenho... sou Jesus Cristo, o filho de Deus, e ele me enviou nesse mundo para salvar as pessoas, com a inteligência e o amor que tenho, preciso ajudá-las, a cada ajuda que damos um ao outro isso vai se elevando e conspirando no universo até que possamos ajudar a todos”. Agradeço-o a ajuda que tem me dado e reforço que precisamos muito dele no Jornal do Freud Cidadão e no Blog que ele escreve. Não sem “abandonar o crack”, “por enquanto”. M e a equipe se abrem para ver e escutar algo novo, acontecem descobertas que vem nos surpreendendo a cada vez. Em conversas bem atuais ele diz: “Sem o crack sou um crack na vida, mas com o crack não dá pra jogar bola nenhuma”. Perguntamos em que ele é crack na vida e ele responde, “na música e nos textos literários”.

Sérgio cita as elaborações de Freud no texto “O mal estar na Civilização” (1930), mais precisamente onde Freud trata da felicidade e faz o repertório dos três recursos que o homem dispõe para lidar com o mal estar. Um mal estar que vale a pena lembrar aqui, adviria das relações da nossa

---

<sup>2</sup> Este caso, intitulado, “O sonho da casa vazia”, foi comentado por Maria Wilma s. de Faria, no dia 08 de maio de 2013.

civilização com a sexualidade, a satisfação direta: sexo, os anestésicos em geral ou a sublimação. Vemos no caso M um deslocamento dos recursos que ele conta agora para tratar seu mal estar diante do enigma da sexualidade. Se anteriormente o crack era seu único recurso, isso vacila, e na dimensão simbólica outros recursos aparecem: “sou gay”, “preciso encontrar um companheiro para casar, não sei viver sozinho”, “sou crack na música e em textos literários, faço textos diversos para o jornal do Freud, sou escritor”, “sou enviado de Deus para salvar a humanidade”, “precisamos de respeito e amor uns aos outros”. No início do tratamento pedia que lhe déssemos “informações para saber como lidar com o mundo” e hoje diz: “que precisa dar ao mundo informações, contribuir para uma melhor relação entre os homens”. Podemos considerar aí um esboço de alguma forma de sublimação? De um outro estatuto?

Sergio cita Lacan considerando que na psicose o sexual não pode ser simbolizado pela referência fálica, desse modo a sexuação terá que ser feita fora do falo. M diz que na música é crack no violão e nos textos é crack na escrita, podemos pensar que o violão e a escrita serviriam como uma referência fora do falo?

Encorajados a investigar o delírio desse sujeito, antes velado pela droga, foi possível aproximar de sua realidade psíquica e testemunhar suas construções em relação ao sexo, ao corpo, ao objeto de gozo, ao Outro e acompanhar suas novas significações.

### ***Para o que não tem governo...***

No dia 22/05/13 recebemos Musso Greco, psiquiatra, psicanalista e membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise. Em seu seminário intitulado “O uso da droga: intervenções possíveis dos dispositivos institucionais”, ele discorreu sobre sua prática enquanto coordenador clínico do *CAPUT* (Centro de Atendimento e Proteção a Jovens Usuários de Tóxicos). Este serviço, inaugurado em 2012, oferece acolhimento clínico e psicossocial a adolescentes usuários de drogas em situação de risco social ou de conflito com a lei. Os casos acompanhados neste serviço são em sua maioria de psicose e com quadro importante de toxicomania.

Embora este público não tenha claras semelhanças com o público atendido no *Espaço Freud Cidadão*, o que Musso Greco nos transmitiu a partir de sua experiência nos fornece elementos importantes para pensarmos, não somente a questão da toxicomania na psicose, mas a clínica a qual nos deparamos hoje. E de que clínica se trata na contemporaneidade? Certamente não mais aquela da época de Freud onde a sintomatologia clássica - fobias, conversões, obsessões, delírios e alucinações – forneciam ao analista a matéria-prima a partir da qual sua prática era orientada.

Se a clínica contemporânea é esta da inexistência do Outro onde, diríamos, o “transbordamento” se faz cada vez mais presente e a olhos nus, qual tratamento possível para estes casos, cada vez mais frequentes, onde a droga e o ato aparecem como recursos para tratar o mal-estar?

Musso Greco nos ensina que nesta “clínica do ato” o que se apresenta como possível seria o que ele nomeia como “tratamento pelo *objeto a*”. Foi constatado em sua prática que a suspensão do uso de substâncias tóxicas pode, não raro, levar ao desencadeamento de uma crise psicótica. Este dado nos evidencia, mais uma vez, a função que a substância tóxica tem para cada sujeito. Não seria então pela via da supressão que apostaríamos. Desde Freud sabemos dos riscos e dos efeitos nefastos de tentar eliminar aquilo que o sujeito tem de mais precioso, a saber, seu sintoma. No entanto, se a droga aparece como elemento que permite uma amarração, ainda que frágil por se tratar da psicose, ela revela sua face mortífera quando o que aparece são corpos devastados e lançados ao abandono.

O que será que será diante disto que não tem governo? Musso Greco nos dá uma indicação: “é preciso haver um acesso ao objeto”. Em suas palavras, o tratamento pelo *objeto a* consiste em “localizar o gozo fora do corpo por meio de intervenções voltadas para uma redução do gozo, já que é a redução do gozo que torna possível o laço social”. Ou seja, nesta clínica onde o que não é simbolizado aparece no real e é vivenciado como uma “irrupção de gozo” é preciso operar com o objeto e a partir do objeto. É por esta via que seria possível “reinscrever esse sujeito, supostamente separado de tudo, em um discurso”.

Segundo Musso Greco, não é vigiando e punindo, mas acolhendo as atuações como demandas, registrando o que se repete e dando uma resposta que permite inaugurar o enigma “*O que ele quer de mim?*” é que se torna possível fazê-los responsáveis pelo que dizem. A equipe clínica deve, para isto, estar preparada para a surpresa. Para ir do objeto em direção ao sujeito, é preciso então acolher o que se apresenta, a princípio, como únicos recursos: a droga e o ato.

Para o que não tem governo, tampouco cura, há tratamento, pois ainda nos restam a palavra e a nossa aposta no inconsciente.



## Notas

<sup>1</sup> Título da apresentação da Profa. Dra. Mária Maria Rosa Vieira, que aconteceu no dia 19 de junho de 2013 no Freud Cidadão.

<sup>2</sup> O Instituto Raul Soares - IRS, localizado no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte, foi inaugurado em setembro de 1922. Oferece: Assistência, ensino e pesquisa em saúde mental com responsabilidade social. (Fonte: <http://www.fhemig.mg.gov.br/pt/atendimento-hospitalar/complexo-de-saude-mental/instituto-raul-soares>)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (<https://www.ufmg.br>)

“Carta ao Pai”<sup>4</sup>: Carta ao Pai (em alemão Brief an den Vater) é uma das obras do escritor tcheco Franz Kafka. O livro é na verdade a publicação póstuma de uma carta que Kafka escreveu para seu pai e que nunca chegou a ser enviada.

Na carta, escrita em 1919 e revisada diversas vezes antes da morte do autor, Kafka discorre sobre sua relação conturbada com o pai, um comerciante judeu, autoritário e de personalidade forte, que sempre impôs aos filhos sua visão de mundo e que despertava em Kafka um conjunto de emoções conflitantes, do ódio pungente à mais profunda admiração. O livro é uma fascinante obra de arte, onde Kafka usa todo o seu talento em destrinchar a alma humana para mergulhar no relacionamento entre pais e filhos. Franz Kafka, considerado um dos maiores escritores do século XX ao lado de Joyce e Proust, era um homem profundamente angustiado, que guardava grande mágoa do pai despósito. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta\\_ao\\_Pai](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_ao_Pai))

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, T. S. de; VIEIRA, M. M. R. **Revista aSEPHallus**, Rio de Janeiro, vol. VII, N. 14, mai. a out. 2012. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus)

GRECO, Helena. *Psicologia em Revista* v. 17, n. 2, 2011, p. 261/277

KAFKA, F. *Carta ao Pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.